

**Subversão feminina, patriarcado e feminicídio: um olhar sobre o conto *A Curva*, de  
Henriette Effenberg**

Sebastião Bonifácio Junior<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho contempla a análise do conto *A Curva*, de Henriette Effenberg. A principal finalidade foi perceber a ideologia da emancipação feminina que permeia determinadas ações da protagonista, a fim de refletirmos sobre a evolução causada pelo movimento feminista na sociedade. Por outro lado, com o objetivo de destacar a persistência das práticas androcêntricas, houve a abordagem das ideologias contrárias à independência feminina, presentes no conto por meio da figura masculina, para retratarmos a predominância do patriarcado. Objetiva-se, assim, refletir sobre a prática do feminicídio, no âmbito das relações afetivas, como consequência de um falocentrismo responsável por autorizar a ocorrência de tais crimes. Para tal, duas perspectivas foram levadas em conta: a crítica literária feminista interligada à filosofia que aborda os movimentos emancipatórios da mulher; e a Análise do Discurso francesa (AD) juntamente com o conceito de ideologia. No primeiro caso, levamos em conta a parte da crítica literária feminista que focaliza os textos escritos por mulheres – a *ginocrítica*, explorada nos trabalhos de Showalter (1977), de Xavier (2007), etc. –, bem como os preceitos de estudiosos das áreas filosófica e literária que voltam seus olhares para a opressão de gênero na sociedade, tais como: Bourdieu (2002), Beauvoir (1980), Gomes (2015). Em se tratando da AD, priorizaremos os estudos realizados por Authier-Revuz (2004), e Pêcheux (1990), pois todos consideram os comportamentos dos indivíduos como sendo frutos de atravessamentos ideológicos e construções sociais. Ainda no âmbito discursivo, consideramos o detalhamento feito por Brandão (1997) acerca do que Althusser (1970) e Ricoeur (1977) falam sobre o fenômeno ideológico atrelado a certas funções. Em *A Curva*, é narrada a história de um casal cuja mulher decide sair de casa após várias brigas com o marido. Após o abandono, o homem não se conforma e passa a aguardá-la debruçado à janela, olhando sempre para a curva da rua. Em tal ponto, podemos notar que os elementos com os quais ele, mentalmente, a descreve, revelam-nos escolhas mais recatadas quanto ao vestuário, sugerindo um “padrão ideal” de roupas femininas. Uma perspectiva que levamos em conta, nesse caso, é a de Pêcheux (1990), afinal o enunciador adota imagens de si, do outro e da sociedade. No entanto, vemos que as imagens mentais construídas pelo marido sobre a esposa representam, segundo Authier-Revuz (2004), a existência de outras vozes atravessando-o. No final do conto, a mulher volta para casa, porém dirigindo seu veículo e utilizando vestes mais despojadas, que simbolizam a liberdade de seu corpo. A partir do ponto em que a consorte se projeta fora das expectativas do marido, há uma reação violenta dele, que a assassina “com um tiro certeiro no coração” (EFFENBERGER, 2008, p. 35). Esse desfecho nos remete às relações de dominação estudadas por Pêcheux, afinal a esposa é assassinada por não corresponder à imagem mental do marido, sofrendo o castigo homicida por tentar se ver livre das algemas do patriarcado.

**Palavras-chaves:** Feminicídio; Análise do Discurso francesa; Crítica literária feminista.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Londrina; mestrando; junior.of.spades@gmail.com

## 1 - Introdução.

Como uma maneira de demonstrar os problemas da Pós-modernidade, principalmente, no que se diz respeito à opressão de gênero vivenciada pelas minorias em uma civilização androcêntrica, o texto literário *A Curva*, de Henriette Effenberger, tem muito a oferecer aos estudos acadêmicos relacionados à ideologia da emancipação feminina. É possível afirmar que o conto selecionado para este trabalho apresente características bastante caras aos movimentos feministas, pois a personagem principal subverte os padrões de inferiorização da mulher, mas acaba sendo punida por uma sociedade patriarcal. Por esse motivo, tal produção foi selecionada com o objetivo de ilustrar a representação da mulher emancipada, bem como para detectar as ideologias contrárias à autonomia feminina, pois ambas as situações derivam de todo um processo histórico que atravessa a malha de nossa sociedade.

No presente trabalho, existe uma tendência a comprovar que o empreendimento em prol da emancipação da mulher pode ser visto como reflexo da evolução ideológica da sociedade nesse quesito, afinal, de acordo com a Análise do discurso (AD) francesa, todos os indivíduos são frutos de atravessamentos ideológicos transmitidos pela linguagem de determinado meio social. Na contramão dessa possibilidade, queremos provar, também, que as práticas androcêntricas continuam a ocorrer devido a um mecanismo diferente de assujeitamento, que, mesmo em tempos tão evoluídos, ainda insiste em transmitir, por meio da palavra, ideias mais reacionárias no sentido de barrar as buscas pela independência feminina, e isso nos mostra o poder ideológico da linguagem, que, na esfera discursiva se mostra como “interação, e um modo de produção especial; ela não é neutra, inocente (na medida em que está engajada numa intencionalidade) e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia” (BRANDÃO, 2013, p. 12).

## 2 – Por uma convergência entre a AD francesa e as teorias feministas.

Em linhas gerais, tomando como base o conto de Henriette Effenberger, procuramos verificar as formas de resistência e de subversão da protagonista de *A curva*, a fim de refletirmos sobre o funcionamento das relações de dominação entre homens e mulheres. Em vista disso, utilizamos alguns autores da Análise do Discurso (AD) francesa, que se volta para a constituição do sujeito como um fator influenciado por construtos sociais, sendo estes os resultados de inúmeras formações discursivas e ideológicas. A listagem de teóricos que se debruça sobre esses aspectos é bastante vasta, composta por linguistas, filósofos da

linguagem, estudiosos de aspectos referentes ao fenômeno da ideologia e analistas do discurso, dentre os quais, podemos citar alguns nomes: Jacqueline Authier-Revuz, Michel Pêcheux, Louis Althusser, Paul Ricoeur, etc. Houve, também, a preocupação de se refletir a respeito das ideologias que possibilitem a emancipação feminina e sobre aquelas responsáveis pela resistência do patriarcado. De acordo com isso, utilizamos textos filosóficos e da teoria literária de autores que, em determinado momento de suas trajetórias, voltaram-se para a opressão de gênero presente na sociedade. Assim, foram abordados conceitos e reflexões de alguns estudiosos, tais como: Pierre Bourdieu, Simone de Beauvoir, Elaine Showalter, Elódia Xavier, dentre outros.

### **2.1 – Sobre a Análise do Discurso (AD) de linha francesa.**

No final da década de 60, surgiram inúmeros estudos que tiveram como base as práticas discursivas e, assim, a Análise do Discurso (AD) se firma como uma disciplina autônoma e se coloca como uma alternativa aos aspectos da ideologia, das ciências sociais e da linguagem no que tange à Linguística. O objetivo era o de fazer com que os enunciados fossem estudados não apenas como uma sequência de frases soltas, e sim, como textos capazes de produzir sentido aos interlocutores, levando-se em conta os contextos de produção.

De acordo com Charaudeau & Maingueneau (2012, p. 41), seria muito complicado retrazar, com precisão, a história da AD, pois se trata de um campo de estudos resultante da convergência entre os trabalhos recentes e a renovação de práticas antigas (com base em filólogos, retóricos e hermenêuticos). Pode-se, entretanto, citar algumas evoluções da AD em relação à Linguística tradicional. Dentre elas, está o fato de esse novo conteúdo explorar a interdisciplinaridade com as Ciências Humanas (História, Filosofia, Sociologia, Literatura, etc.), de modo a se considerar os contextos sócio-históricos dos discursos.

De acordo com Orlandi (2009, p. 50), “a Análise do Discurso é marcada pelo fato de que a noção de leitura é posta em suspenso. Desse modo, a linguagem só produz sentido a partir do ponto em que se situa em determinado contexto histórico. Além do mais, a AD de linha francesa apresenta três regiões convergentes de conhecimento: teoria da sintaxe e da enunciação; teoria da ideologia; teoria do discurso. As duas últimas serão exploradas, com mais detalhes, ao longo deste artigo, de modo a serem instrumentalizadas na análise.

**2.1.1 - Michel Pêcheux: Condições de produção, Formações Discursivas, Formações Ideológicas e assujeitamento**

É relevante citar a contribuição de Pêcheux para a AD francesa (1975, p. 17), pois, com base em seus estudos, surge o reconhecimento de que a língua é a condição de possibilidade de um discurso, afinal se faz necessária para a materialização discursiva nas mais variadas condições de produção e em momentos históricos diversos. Por outro lado, os processos discursivos são vistos como a origem dos efeitos de sentido no discurso, portanto a língua é o lugar concreto em que se realizam todos os movimentos de propagação ideológica.

Além do mais, foi Pêcheux quem fez a primeira definição empírica geral da noção que envolve as *condições de produção* (CPs). O mais importante, feito pelo pesquisador, relaciona-se ao fato de ele não ter visto nos protagonistas do discurso, apenas, a presença física dos indivíduos, uma vez que conseguiu visualizar a representação de dados lugares com traços bem definidos na composição de uma formação social. Em se tratando do discurso, isso diz respeito ao lugar que o enunciador atribui a si e ao outro, bem como se vincula à imagem feita dos lugares ocupados por ambos os interlocutores. Assim, o enunciador pode moldar as suas estratégias discursivas com base em uma antevisão que fará das reações alheias.

Ainda falando sobre a importância dos pressupostos de Pêcheux, é de suma importância que frisemos a articulação da ideologia com o discurso – relação esta responsável por gerar a *Formação Ideológica* (FI) e a *Formação Discursiva* (FD). A princípio, esses conceitos têm a ver com o *assujeitamento* do sujeito tido como ideológico. Brandão (1997, p. 38) exemplifica esse fenômeno com o fato de que cada sujeito “seja levado a ocupar seu lugar em um dos grupos sociais ou classes de uma determinada formação social” Deixando mais claro, somos acometidos por atravessamentos que nos condicionam a determinada situação e, assim, acatamos certos dizeres, passivamente, e ocupamos os nossos lugares sociais, bem como diversos outros valores que são disseminados a nós desde a infância. Tal processo faz com que nos tornemos sujeitos, porém assujeitados devido a todas essas relações. Já a *Formação Ideológica* (FI) serve para comportar uma ou inúmeras *Formações Discursivas* (FDs) e isso nos leva a crer que os discursos são capazes de revelar não apenas a nossa opinião sobre determinado assunto, mas também o que já foi dito por diversas outras vozes que ainda reverberam, em geral, de épocas muito distantes a do nosso nascimento.

Na verdade, são as *Formações Discursivas* que nos condicionam a dizer algo devidamente elaborado para determinada conjuntura. Funcionam, dessa forma, para articular *língua* e *discurso*. O conceito de FD envolve a noção do *pré-construído*, que se relaciona,

indubitavelmente, a uma construção anterior e exterior a nós. É como se surgisse disso um *Sujeito Universal*, o qual representa nada mais, nada menos que a padronização do indivíduo destinado a dizer sempre o já esperado dentro de determinada situação. Assim sendo, todos os indivíduos se assujeitam à medida que se confundem com o *Sujeito Universal* da FD, por intermédio da veiculação de “várias linguagens em uma única”.

Todavia, é previsto o princípio constitutivo da contradição no seio de toda FD, ou seja, sempre serão emitidos pareceres desfavoráveis à tentativa de homogeneidade discursiva, o que causará embates e, possivelmente, estratégias subversivas cuja intenção primeira seja a de lutar contra os construtos sociais e as relações de dominação.

### **2.1.2 - Jacqueline Authier-Revuz: a heterogeneidade discursiva.**

De acordo com Authier-Revuz, passamos a verificar duas ocorrências do discurso heterogêneo quanto aos elementos do exterior, os quais podem aparecer, na materialidade discursiva, de forma marcada ou opaca, isto é, o escritor pode ou não deixar evidentes as influências de terceiros em seu texto. Tal estudo está presente em *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido* (2004) e, por meio desses apontamentos, a estudiosa associa a *heterogeneidade mostrada* aos momentos em que existem marcas linguísticas de outrem em certa produção textual; já a *heterogeneidade constitutiva* diz respeito ao amontoado de vozes as quais não estão visivelmente explícitas, mas que, ainda assim, permeiam dado conteúdo. Pode-se afirmar que tais pressupostos influenciaram bastante os preceitos dos atravessamentos ideológicos estudados pela AD francesa.

Sendo assim, vale refletir sobre o seguinte fator: a ausência de marcas textuais do outro cria a falsa ilusão de que o sujeito detém a autoria única da obra. Mas isso está longe de ser verdade, afinal existem outras vozes que atravessam os dizeres de toda e qualquer produção, fazendo do sujeito um ser assujeitado porque “dá lugar explicitamente ao discurso de um outro em seu próprio discurso” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12)

### **2.1.3 Althusser e Ricoeur: o conceito de ideologia.**

Em *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*, Althusser (apud BRANDÃO, 1997, p. 21 - 23) toma o fenômeno ideológico como a abstração do concreto e, com isso, elabora três hipóteses: a) “a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas

condições de existência”; b) “a ideologia tem uma existência porque existe num aparelho e na sua prática ou suas práticas”; c) “a ideologia interpela indivíduos como sujeitos”.

Desse modo, é impossível falar sobre Análise do Discurso sem mencionar Louis Althusser (1918 - 1990), que elaborou os conceitos de *Aparelho Repressor de Estado* (ARE) e *Aparelho Ideológico de Estado* (AIE), sendo este último referente às instituições (Igreja, Escola, mídias, culturas, família, partido político, sindicato, etc.) perpetuadoras de ideologias várias. Resumindo, de acordo com a linha althusseriana, o fator ideológico é algo que está presente no inconsciente coletivo das sociedades e, por meio disso, são elaboradas as construções sociais cujo principal objetivo é o de mascarar a realidade.

Ampliando o conceito de ideologia, Ricoeur (apud BRANDÃO, 1997, p. 24 - 27) define três instâncias para o fenômeno ideológico: *a) Função geral da ideologia* (serve para que as pessoas se representem e está atrelada a uma motivação ou justificativa); *b) Função de dominação* (pode se ligar ao desejo de dominar outros indivíduos, como fazem, por exemplo, as autoridades ao criarem todo um sistema para justificar a hierarquia de determinada civilização); *c) Função de deformação* (referente à distorção da realidade por meio de símbolos religiosos, políticos, etc.). Por intermédio disso, a ideologia é concebida como algo inerente ao signo e, dessa forma, todo falante a possui independentemente de sua vontade.

## 2.2 – Sobre algumas das teorias feministas.

Em decorrência dos movimentos em prol da emancipação feminina, tornou-se possível a existência de uma crítica feminista, também, nos meios literários. Desse modo, verifica-se a oportunidade de parte da teoria literária voltar seus olhos para os textos escritos por mulheres. Tal vertente, que se consolida nos anos 70, prevalece até os dias atuais, recebendo o nome de *ginocrítica*. Nesse segmento, é importante reconhecermos a ensaísta norte-americana, Elaine Showalter (1977), como uma das precursoras dessa tendência – sobretudo por ter apresentado um esquema de leitura com rigor crítico. Em sua pesquisa, ela percebe a existência de três fases da arte literária feita por mulheres: *Feminina* (reprodução dos valores transmitidos pelo patriarcado); *Feminista* (surge a consciência da opressão de gênero, mas a personagem não possui forças para quebrar as convenções falocêntricas adotadas pela sociedade); *Fêmea* (marcada por uma autodescoberta, ou seja, existe a adoção de uma identidade própria capaz de romper com os convencionalismos sexistas).

Em vista dessa maior liberdade conquistada pelas escritoras, é interessante lembrar o que Elódia Xavier (2007), em seu estudo sobre a representação do corpo feminino, diz sobre

os questionamentos feitos pelas escritoras brasileiras acerca do patriarcado. De acordo com os seus trabalhos, constata que existem vários corpos feminis sendo representados como formas de as literatas se oporem à opressão masculina. Fala, por exemplo, sobre o corpo *liberado* – aquele que faz da personagem feminina a mentora da própria vida social e psicológica, a partir do momento em que se desvincula das amarras impostas pelo seu meio.

É possível abordar essas questões feministas referentes ao corpo do sujeito mulher, também, pelos preceitos de Pierre Bourdieu, em *A dominação masculina* (2002) e em *O poder simbólico* (1989). A partir desses conteúdos, percebe-se que a dominação do gênero masculino se dá por meio de instituições (igreja, estado, escola, etc.) que formulam construções sociais visando ao cerceamento dos corpos femininos. Sobretudo, nota-se que o corpo feminino é tido como o único fator a ser valorizado na mulher; enquanto, no homem, a valorização se dá em torno de suas capacidades intelectuais. Contudo, em diversos casos, as pessoas dominadas criam estratégias de subversão de modo a quebrar esses estereótipos perpetuadores da *violência simbólica* da sociedade patriarcal em relação ao feminino. Entretanto, para que o *poder simbólico* seja estabelecido, é preciso haver plena aceitação das pessoas dominadas. Tal conceito, elaborado por Bourdieu (1989, p. 6 - 16), refere-se à ideologia que elege pessoas dominantes e dominadas com base nas relações de dominação construídas socialmente. Por meio desses simulacros, o homem se torna dominador, o que explica a construção de sua masculinidade ser associada à virilidade (BOURDIEU, 2002, 43).

Ainda no terreno das construções sociais, o próprio casamento é visto, por Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo*, como um fim em si mesmo quando se trata do feminino. A teórica, guiada por essa percepção, associa a atitude de as mulheres não trabalharem fora ao conceito de *imanência*, ou seja, elas são privadas e, ao mesmo tempo, privam-se de terem uma vida social, a partir do ponto em que se veem coagidas a pertencerem, única e exclusivamente, aos ambientes domésticos (BEAUVOIR, 1980, vol. II, p. 395), espaços responsáveis por restringirem o contato da mulher à presença inanimada de seu espelho. Sendo assim, o fato de os serviços domésticos serem funções destinadas somente à mulher é a mais clara demonstração de um estado imanente da individualidade feminina no meio social.

No entanto, quando a mulher não cede ao contrato fiduciário da imanência (ou quando abandona tal situação), é possível que sofra represálias dos indivíduos que impõem o modo de vida patriarcal. Essa reação, no âmbito feminino, pode ir da *violência simbólica* (ex.: insultos, xingamentos, humilhações públicas, etc.) aos casos de feminicídio. Como o assassinato de mulheres associado ao gênero sexual será o foco principal de nossa análise, faz-se necessário saber, por ora, que o sinônimo apropriado para se referir ao feminicídio é *violência de gênero*,

pois “é usado para relativizar a questão da passividade feminina, visto que, nos estudos que têm como referência o sistema de justiça, não se aceita mais a mulher como vítima passiva da dominação” (GOMES, 2015, p. 785). E, nessa perspectiva, os homicídios de mulheres motivados pela condição genérica apresentam uma fundamentação de desprezo pelo corpo feminino; por isso, é possível apontarmos a existência de uma cultura sexista em nossa sociedade. Em suma, a mulher é punida por ter se projetado fora do construto da subalternidade feminil – que, por sua vez, revela a faceta patriarcal da civilização.

### **3 - Um olhar sobre o conto *A curva*, de Henriette Effenberg.**

É narrada, nesse conto, a história de um casal cuja mulher decide sair de casa após inúmeras brigas com o marido. Após o abandono da esposa, ele não se conforma e passa a aguardá-la, ansiosamente, debruçado na janela, olhando sempre para a curva por onde a rua termina. Nesses momentos de espera, vale analisar o horizonte de expectativas criado pelo homem em torno da antiga companheira:

[...] ela não viria dirigindo seu próprio carro nem tomaria um táxi. Viria a pé, carregando com uma das mãos uma pequena valise e com a outra um agasalho, além da bolsa a tiracolo. Estaria discretamente vestida, talvez uma saia escura e blusa sem mangas, branca com bolinhas no tom da saia. Calçaria sapatos de saltos baixos e meias de seda no tom da pele. Os cabelos estariam presos por uma fivela de osso. Sabia também que ela viria caminhando compassadamente, se aproximaria da casa e olharia para a janela e encontraria o olhar dele observando-a (EFFENBERGER, 2008, p. 32).

Uma perspectiva que poderíamos levar em conta ao nos referirmos a esse excerto é a de Pêcheux (1990) que, em sua teoria discursiva, diz que o enunciador, de modo instintivo, adota imagens de si, do outro e da sociedade. É, justamente, o que faz o protagonista do conto ao pressupor uma forma imagética para a consorte de uma maneira bastante definida. O mesmo é feito em relação a si próprio, no momento em que pressupõe sua reação ao vê-la andando para a casa, pois, de acordo com seus pensamentos, “não sorriria”, apesar de suas mãos se crisparem “no parapeito da janela” e de suar “desagradavelmente”. Cria imagens, até mesmo, sobre a dissimulação de seus sentimentos: “E, enquanto seu coração disparava, ele tentaria aparentar uma serenidade que nem de longe sentia” (EFFENBERGER, 2008, p. 32). Após o primeiro impacto, na sua concepção, “esboçaria um arremedo de sorriso e reabriria para ela as portas de sua casa e de sua vida” (*idem*). No entanto, vemos que essas imagens

construídas de si e da esposa querem dizer algo ao leitor, afinal, segundo Authier-Revuz (2004), há a existência de outras vozes atravessando os discursos de todos os indivíduos, fazendo-os assujeitados. Desse modo, ao construir a imagem de si mesmo, o homem utiliza subterfúgios que nos apontam para uma construção social da masculinidade, principalmente, quando afirma que não iria sorrir após ver aquela por quem tanto esperou. Ao elaborar tal pensamento, ele reproduz estereótipos de que o riso, o choro e os excessos não se vinculam ao sexo masculino, sobretudo se considerarmos o simples “arremedo de sorriso” o qual seria demonstrado apenas depois de algum tempo, ou seja, passado o impacto inicial.

De modo geral, esse jogo de imagens que o protagonista formula para si e para o seu “objeto de desejo” são frutos não exclusivamente dele, mas de outras vozes que perpassam um dos maiores discursos disseminados pelo senso comum: o dos padrões estéticos e comportamentais referentes ao masculino e ao feminino. Vejamos o trecho a seguir:

Já debaixo do chuveiro recordou-se do dia em que ela partira. Tinham discutido por motivos banais: a camisa que ele queria vestir não estava passada e a que ela queria que ele usasse não combinava com a gravata. Da camisa a ser passada à discussão foi um passo. Ela sentia-se sobrecarregada com as tarefas domésticas, ele sentia-se rejeitado. Ela não se sentia desejada, ele disse que não a desejava mesmo. Ela cobrou-lhe flores, bombons e presentes de aniversários nunca recebidos. Ele retrucava, dizendo que ela estava constantemente mal-humorada, que não ria de suas piadas, que estava desleixada, velha e feia. Ela respondeu que não mais o amava e que iria deixá-lo. Ele não pediu que ficasse. Ela fez as malas e partiu... (EFFENBERGER, 2008, p. 32).

De imediato, percebemos o já apontado por Beauvoir (1980, vol. II, p. 395) no que diz respeito à obrigatoriedade de as tarefas domésticas recaírem sobre o feminino e, levando em conta essa perspectiva, é perceptível que as execuções dessas atividades pela mulher sejam frutos de inúmeros atravessamentos ideológicos, vinculados ao patriarcado, e que não passam de construções sociais. Outro ponto importante, também baseado nos estudos da filósofa, refere-se ao conceito de *imanência* (BEAUVOIR, 1980, vol. II, p. 395), pois está claro que a personagem de *A curva* era uma dona de casa que vivia em função do marido – sendo privada e, ao mesmo tempo, privando-se de ter uma vida social.

A respeito desse reducionismo vinculado ao feminino, é possível notar a *violência simbólica* (BOURDIEU, 1997, p. 204) exercida pelo personagem central, que, além de não auxiliar a esposa nos serviços rotineiros da casa, discutia com a companheira “por motivos banais”, como, por exemplo pelo simples fato de ela não ter passado determinada peça de roupa, isso sem contar as humilhações constantes ao chamá-la de “desleixada, velha e feia”.

No entanto, talvez o mais interessante de ser notado, no excerto acima, seja a capacidade de subversão da mulher, que não pode ser vista como intrinsecamente passiva. De acordo com a crítica literária feminista, Showalter (1977), nas narrativas, essas atitudes indisciplinadas seriam chamadas de representação da mulher *fêmea*, sendo esta capaz de subverter os construtos de poderio entre o masculino e o feminino. Por meio do ato de abandonar o homem e a casa, ela teve seu corpo *liberado* que, de acordo com os estudos de Xavier (2007), representa a personagem feminina tomando as rédeas de sua própria vida social e psicológica. Para completar esse apontamento, vale dizer que, antes de partir, num lapso de ironia e vingança, a dona de casa ainda deixa “a camisa, pivô da discussão, [...] impecavelmente passada e dependurada na cadeira” (EFFENBERGER, 2008, p. 33).

Ademais, a ausência da senhora faz com que ele passe a ter a janela como única companhia – apenas o ser inanimado por onde olhava era capaz de estabelecer uma relação entre ele, a natureza ao redor e a espera incessante pelo retorno da mulher que o deixara. Assim sendo, a curva se torna o símbolo de sua maior expectativa de vida: o regresso da amada. Anos após esperá-la, todavia, eis que surge uma mulher diferente da que o deixou:

Ao se preparar para sair, ouviu o ruído de um carro estacionando em frente da sua casa e saiu à janela a tempo de vê-la descer do automóvel trazendo duas grandes malas de viagem, além de uma enorme sacola de plástico, onde se via estampada a marca de um conhecido magazine. Vestia calças jeans desbotadas, acompanhadas da jaqueta do mesmo tecido, sobre uma camiseta de malha vermelha. Os cabelos, originariamente castanhos, estavam agora loiros e compridos. Usava-os soltos sobre os ombros (EFFENBERGER, 2008, p. 34).

Chegamos, finalmente, a um conflito entre a imagem que ele fez da esposa e a realidade avassaladora. Na construção feita pelo homem, em seus pensamentos, ela chegaria “a pé” ao invés de sair de “um carro”. Carregaria “uma pequena valise”, “um agasalho” e a “bolsa a tiracolo”, e não, “duas grandes malas de viagem, além de uma enorme sacola de plástico, onde se via estampada a marca de um conhecido magazine”. Optaria pela discrição ao se vestir, “talvez uma saia escura e blusa sem mangas, branca com bolinhas no tom da saia” e “sapatos de salto baixo e meias de seda no tom da pele” em detrimento de “calças jeans desbotadas, acompanhadas da jaqueta do mesmo tecido, sobre uma camiseta de malha vermelha”. Os cabelos que se mostrariam “presos por uma fivela de osso”, na verdade, “estavam agora loiros e compridos”, “soltos sobre os ombros”. Na idealização do marido, ela viria “compassadamente” (*idem*), mas acabou se acercando da casa de maneira rápida.

A partir do ponto em que a consorte se projeta fora das expectativas criadas pelo marido, há uma reação violenta dele, que serve para pôr fim à história: “Ela o traíra e retirara dele o único prazer de que dispunha: a janela. Não teve dúvidas: ao abrir a porta alvejou-a com um tiro certo no coração” (EFFENBERGER, 2008, p. 35). O narrador, ainda, finaliza com a afirmativa irônica: “Agora sim: ela nunca mais voltaria!” (*idem*). Ao analisar esse desfecho, é impossível não notarmos uma evidente relação de dominação, afinal podemos afirmar que a esposa foi assassinada por não ter correspondido à imagem mental elaborada pelo marido. Em outras palavras, sofreu o castigo homicida por “ser mulher”.

De modo a corroborar o dito acima, Gomes (2015) já havia nos alertado sobre o feminicídio ser o símbolo do corpo feminino como algo desprezado pela sociedade. Isso posto, faz-se pertinente a inferência de que, no texto literário, o homem matou a mulher por menosprezar o corpo dela, ou seja: não considerou, em momento algum, que ela poderia ter vontades próprias, como, por exemplo, a decisão de se locomover, vestir-se e se portar da forma que bem entendesse. Para ele, tudo teria que ser conforme suas aspirações – excluindo, assim, o livre arbítrio do sexo feminino. Considerando que, de certa maneira, esse pensamento esteja presente no imaginário popular, o apontamento para uma ordem social sexista é inevitável. Além do mais, tal discurso é transmitido para a sociedade por meio de inúmeras vozes que ecoam de um período muito anterior ao de nosso nascimento – mostrando, desse modo, a fusão discursiva entre o passado e o presente. Pêcheux (1990) chama essas ideologias vindas de tempos remotos de *pré-construído* (uma construção anterior e exterior que percorre vários momentos históricos, de modo a fazer com que as pessoas da atualidade fiquem condicionadas a um discurso pretérito). Por meio disso, vemos, na narrativa breve, o construto de dois *Sujeitos Universais*: o sexista, visto na figura do homem; e a feminista, constatada pelo aspecto da mulher que se recusa a jogar o jogo de cartas marcadas do machismo.

Tomando também como base o estudo sobre as *Formações Discursivas (FD)* e *Formações Ideológicas (FI)* sobre o qual Pêcheux (1990) se debruçou, a construção de, no mínimo, duas FDs é bem explícita em se tratando do conto analisado: por um lado, temos as FDs que fazem reverberar uma ideologia patriarcal em nossa sociedade (esta é adotada pelo homem que pune a mulher por ela ter ignorado as imagens construídas por ele); por outro lado, notamos as FDs contrárias e constituídas por meio de posicionamentos ideológicos feministas sobre a emancipação da mulher (isso pode ser visto nas estratégias subversivas da personagem – que, além de abrir mão, temporariamente, da convivência com o esposo, cria uma imagem de si opositiva ao querer dele). No entanto, vemos que a elaboração dessas *Formações Ideológicas (FIs)* – tanto do feminismo, quanto do patriarcado –, como frutos de

várias outras FDs, acabam tendo resultados opostos, pois o masculino ainda impera sobre o feminino, não apenas no texto escolhido para a análise, como também em todo o meio social.

Quanto às duas personagens da história, veremos agora como se manifestam nelas algumas das hipóteses ideológicas de Althusser (1970) e de Ricoeur (1977). A respeito da criação de formas simbólicas para a representação da realidade, analisamos que isso é feito tanto pelo marido, quanto pela esposa. Afinal, logo de início, o homem idealiza o momento do regresso da mulher, criando uma imagem de si – respaldada na construção da virilidade masculina – e outra da consorte – marcada pelo recato que, no seio da sociedade, é construído em torno do âmbito feminil. Em contrapartida, a personagem feminina, ao sair de casa, também se mostra capaz de fazer tais projeções, porque vislumbra a imagem do próprio futuro denotado pelo afastamento entre si e o cônjuge, o que permite o atravessamento de uma ideologia vinculada a sua emancipação. A representação imaginária dela com suas condições reais de existência também é constatada pelo processo de formular outras características físicas e comportamentais para si mesma quando do retorno ao lar. Tais procedimentos podem ser arrolados à *função geral da ideologia*, defendida por Ricoeur (1977), que, similar ao posicionamento de Althusser (1970), está atrelada aos modelos representativos os quais fazemos de si e do outro por meio de uma motivação ou justificativa: no caso do protagonista, o seu motivo para limitar a mulher se vincula a uma ideologia androcêntrica; já em se tratando dela, o fundamento de fugir do ambiente doméstico e de se projetar fora da perspectiva do marido diz respeito ao processo ideológico da emancipação feminina na sociedade.

Mas o ápice de como determinada ideologia pode acarretar uma ação, nesse conto, é retratado no instante em que ocorre o feminicídio, pois a violência de gênero se mostra como uma forma de controle do homem sobre o corpo feminino (GOMES, 2015) e isso, imediatamente, denota a *função ideológica da dominação* (que se liga ao desejo de dominar outros indivíduos pelo construto de uma relação impositiva) sobre a qual falava Ricoeur. Inclusive, vale ressaltar que o marido não passa do posicionamento de objeto a sujeito, afinal sua imagem sempre teve as bases estabelecidas nesta última esfera.

A última função abordada pelo estudioso supradito é a da *deformação* cujo intuito é o de desfigurar a realidade com base em dada ideologia. Acerca do conto, vemos que existe um conteúdo ideológico que subjaz todo o comportamento do protagonista: isso se associa às vozes responsáveis por legitimar os abusos realizados por homens contra as mulheres. Por isso, o indivíduo do sexo masculino tem a sensação de naturalidade ao se recusar às tarefas domésticas, ao humilhar a esposa e, conseqüentemente, ao matá-la pelo simples fato de ela, finalmente, ser quem gostaria de ser – alguém livre das algemas do patriarcado.

#### 4. Conclusão

A princípio, é válido ponderarmos sobre os discursos, a respeito da emancipação feminina, que atravessam a malha social, de modo a entender as representações literárias aliadas à intencionalidade discursiva de expor e denunciar os abusos que, diariamente, são praticados contra as mulheres. Não obstante, muitos dos textos que revelam o empoderamento feminino e a denúncia de mecanismos opressivos contra a mulher são realizados, na maioria das vezes, por escritoras, com o intuito de representar, de forma crítica, as vivências do próprio gênero sexual em um processo semelhante ao da autorrepresentação. Isto posto, uma importante posição de sujeito é ocupada pelas autoras que procuram dar voz às suas iguais. De certa forma, esse fazer literário revela uma atitude de *sororidade* das literatas diante das inúmeras vítimas do patriarcado.

Se temos, de um lado, essa perspectiva ideológica que persegue os ideais da emancipação feminina, existem, também, em outro âmbito, os fios discursivos dissonantes, que aderem a *Formações Discursivas* próprias do androcentrismo. O aglomerado de FDs dessa espécie acabam gerando *Formações Ideológicas* (PÊCHEUX, 1990) de caráter misógino, responsáveis pela manutenção do desnivelamento social entre os gêneros. Por isso, é de suma relevância a atitude das artistas que, com suas obras, assumem um posicionamento de sujeito capaz de gerar reflexão social. Por meio de tais discursos, disseminados nas artes, percebemos a ideologia da emancipação feminina agindo positivamente na sociedade, a partir do ponto em que desconstrói padrões consolidados pelo assujeitamento inerente às vozes discursivas responsáveis por legitimar a inferiorização da mulher.

Com a influência das teorias pós-colonialistas, percebemos, na atualidade, diversos talentos que procuram transmitir, em suas manifestações artísticas, o discurso de tolerância às chamadas minorias sociais. É nesse projeto que se insere a literatura de autoria feminina quando trata de assuntos espinhosos, como, por exemplo, do feminicídio – temática bastante explorada por Henriette Effenberger e que tem como objetivo primeiro a denúncia social de crimes cometidos contra a mulher. De certa forma, ao nos depararmos com esses conteúdos ideológicos que nos permitem enxergar o mundo pela visão do Outro, surge a possibilidade de nos tornarmos empáticos às vivências dos indivíduos que, por um motivo ou outro, foram colocados à margem do construto de comunidade.

## Referências

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989
- \_\_\_\_\_. *Meditations pascaliennes*. Paris: Seuil, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. Enunciação e construção do sentido. In: FIGARO, Roseli. (Org.) *Comunicação e Análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2012.
- BEAUVOIR, S. *O segundo Sexo: Fatos e Mitos*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980
- \_\_\_\_\_. *O Segundo Sexo: A Experiência Vivida*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980
- EFFENBERGER, Henriette. *Linhas Tortas*. Bragança Paulista: ABR Editora, 2008.
- GOMES, Carlos Magno. O femicídio na ficção de autoria feminina brasileira. *Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, 2015.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.
- PÊCHEUX, Michel et al. Análise automática do discurso. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, v. 2, p. 61-151, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Language, semantics and ideology*. Springer, 1975.
- SHOWALTER, Elaine. *A Literature of Their Own: British Women Novelists from Bronte to Lessing*. Princeton: Princeton University Press, 1977.
- XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse?: o corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.